FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Deus sujo, o rio que nunca foi assim: um rosto coberto pelas marcas do mundo

Por Bob Sousa[1]

Há imagens que permanecem depois que o espetáculo termina. Em *Deus sujo, o rio que nunca foi assim*, da Cia. de Atores Debaixo do Pano, uma delas se impõe desde o primeiro instante: o rosto de Allex Cardozo inteiramente coberto de lama, como uma máscara mortuária. Antes que a palavra comece a contar a história de Riobaldo, a imagem já nos coloca diante de uma existência marcada pela morte, pela ancestralidade e pela devastação. O rosto desaparece sob a matéria da terra, como se o personagem trouxesse na própria pele os vestígios de um mundo que se desfaz. É uma imagem de forte apelo simbólico, na qual nascimento e finitude parecem compartilhar a mesma origem. A lama não é apenas caracterização, é memória, ferida e testemunho.

Riobaldo é apresentado como metáfora viva de um rio. Nasce, percorre territórios, acolhe histórias e atravessa tempos de tormenta. Mas não se trata de um rio idealizado, associado apenas à beleza da natureza ou à ideia de continuidade. É um corpo submetido às transformações, que carrega as marcas da violência humana e já não corresponde à paisagem que um dia foi. O título do espetáculo contém essa fratura. Há algo de profundamente melancólico na constatação de que o rio nunca foi assim, de que a memória de um lugar precisa conviver com a sua destruição. A narrativa desloca, então, o olhar da paisagem para aquilo que ela guarda, suas camadas de existência, seus apagamentos e suas permanências.

A visualidade se constrói em torno dessa imagem do corpo como território. Allex Cardozo assume a difícil tarefa de dar voz e presença a uma natureza que não é cenário, mas personagem. Sua entrega ao ofício comove. Existe uma disposição genuína em fazer de si

[1] **Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carleto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes (com orientação do Profº Drº Alexandre Mate). É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcanjo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).**

mesmo o lugar onde a trajetória de Riobaldo possa acontecer. Entretanto, a movimentação nem sempre encontra a fluidez necessária para que essa metáfora alcance sua plena realização física. Em alguns momentos, os gestos parecem pouco orgânicos diante da dimensão poética da narrativa, criando descontinuidades entre a palavra e o movimento. É uma questão particularmente sensível em um espetáculo que toma o fluxo das águas como princípio de sua construção simbólica. Espera-se que esse movimento também atravesse o corpo, que a correnteza não esteja apenas naquilo que se conta, mas na maneira como o ator ocupa e transforma o espaço.

Na dramaturgia e direção de Reginaldo Nascimento, a trajetória de Riobaldo ganha dimensão alegórica. A escolha de personificar o rio em uma existência humana permite deslocar a discussão ambiental do campo da denúncia direta para uma experiência poética sobre memória, pertencimento e finitude. A escrita procura estabelecer uma relação entre a história individual e a dimensão coletiva da natureza, fazendo da palavra um território de lembranças e advertências. Na direção, essa intenção encontra expressão na articulação entre corpo, música ao vivo e imagem. Há uma potência na concepção dramatúrgica, especialmente na imagem inaugural do rosto coberto de lama, que estabelece um horizonte simbólico para toda a encenação. Permanece, contudo, a força de uma proposta que procura fazer do teatro um espaço de escuta daquilo que a degradação ambiental ameaça silenciar.

A música executada ao vivo acrescenta uma qualidade especial à experiência. Sua presença não se limita a acompanhar a narrativa, mas estabelece uma relação sensível com o corpo e com as atmosferas da encenação. A sonoridade parece prolongar aquilo que as palavras não conseguem alcançar, criando uma espécie de corrente subterrânea que conduz a percepção do espectador. É nesse encontro entre voz, música e presença física que o espetáculo encontra algumas de suas possibilidades mais expressivas. O som também é água, memória e pulsação.

Há, contudo, uma diferença entre a potência das imagens que o espetáculo anuncia e a continuidade com que elas se desenvolvem na cena. A máscara de lama, por exemplo, oferece uma chave de leitura tão contundente que desperta o desejo de ver essa força

material reverberar com maior intensidade na composição corporal. O corpo poderia assumir ainda mais radicalmente a condição de paisagem, de leito, de correnteza e de matéria em transformação. Essa tensão entre a força da imagem inicial e a fluidez irregular da movimentação constitui um dos aspectos que atravessam minha percepção da encenação.

Tudo isso fica sobreposto num instante que ultrapassa a própria encenação. Depois dos aplausos, Allex Cardozo toma a palavra, visivelmente emocionado. Sua fala, atravessada por uma comoção que já não parece pertencer inteiramente ao personagem, revela a dimensão humana do encontro que acaba de acontecer. É como se, depois de emprestar o corpo e a voz a Riobaldo, o ator precisasse também compartilhar algo de si, deixando transparecer a intensidade afetiva desse percurso. Nesse breve momento, a representação cede lugar à presença, e a emoção do intérprete alcança o público de maneira direta, sem a mediação da dramaturgia. Talvez seja uma das imagens mais sinceras que o espetáculo oferece: o teatro como experiência de entrega, na qual aquilo que acontece em cena continua reverberando mesmo depois que os aplausos começam.

O que fica de *Deus sujo* é a imagem de um homem que carrega no rosto a matéria de um mundo ferido e que, pela palavra, tenta recuperar aquilo que já não existe. Riobaldo fala por todos os rios que perderam seus contornos, por territórios que tiveram suas histórias apagadas e por formas de vida ameaçadas pela incapacidade humana de reconhecer os limites da própria existência. A natureza, nesse contexto, não pede contemplação, exige escuta. E o teatro, ao transformar essa ferida em presença, nos devolve uma pergunta incômoda: quando um rio deixa de ser aquilo que conhecemos, quanto de nós também desaparece com ele?